Universo lexical Aparai e Wayana e seus Empréstimos Lexicais

Aparai and Wayana Lexical Universe and its Lexical Loans

Eliane Camargo

I'Institut Français d'Études Andines (IFEA)
Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)

Latsu T. Aparai

Escola Indígena (Aldeia Bona)

Resumo. O presente texto trata de temas linguísticos abordados durante oficinas de língua aparai e wayana, realizadas em 2015 em duas aldeias, uma de língua predominante aparai, na aldeia Apalai, outra de língua predominante wayana, na aldeia Suwi-Suwi Mĩn. Os temas linguísticos abordados (lexical e sintático) foi solicitado pelos participantes, com exceção da lista de palavras de Swadesh, que serviu de material de base para as oficinas. O estudo lexicográfico realizado a partir de dados coletados *in situ* revela o quanto os falantes se dão conta da origem das palavras recentemente emprestadas; as mais antigas como *alakapuha* 'espingarda' já integraram o sistema lexical não deixando mais traços de sua origem espanhola na mente dos locutores aparais e wayanas. Além de fazermos um apanhado de empréstimos linguísticos e de palavras semelhantes compartilhadas pelas duas línguas caribes, o aparai e o wayana, o presente estudo apresenta a lista de cem palavras de Swadesh nessas duas línguas caribes faladas no leste do planalto das Guianas.

Palavras chaves: Línguas Indígenas; Línguas Caribes; Planalto das Guianas; Wayana; Aparai, Línguas da Amazônia.

Abstract: The present text focusses on linguistic topics dealt with during workshops, held in two indigenous villages in 2015, one regarding Apalai, predominantly spoken in the Apalai village, the other regarding Wayana, predominantly spoken in the Suwi-Suwi Mĩn village. The topics were explicitly asked for by the participants, with the exception of the Swadesh list which served as background material for the workshops. The lexicographic study based on data collected *in situ* reveals that speakers are very much aware of the origin of the recently borrowed words; older ones like *alakapuha* "arcabuz" 'shotgun' have already been integrated in the caribbean lexical and phonological system, leaving no trace of its Spanish origin. In addition to a list of linguistic loans and similar words shared by both languages, the study presents one hundred words from the Swadesh list in these two Caribbean languages spoken in the east of the Guyanese plateau."

Keywords: Indigenous Languages; Cariban Languages, Guyanese Plateau, Wayana, Apalai, Amazonian Languages.

1. Introdução¹

Entre junho e julho de 2015, ocorreram duas oficinas de língua uma aparai, outra wayana, nas aldeias Bona, e Suwi-Suwi Mĩn respectivamente. Elas se realizaram paralelamente às oficinas de audiovisual²

1. Eliane Camargo, etnolinguista, membro associado do Instituto Francês de Estudos Andinos (IFE/CNRS); chefe de projetos na Ipê - Associação para o Diálogo Intercultural: pesquisa e ação. Estuda o wayana e o aparai desde 1993. Latsu T. Aparai é professor bilíngue na escola da Aldeia Bona. Ele é trilingue: wayana, tirió e aparai, sendo esta última a língua que mais pratica.

2. A oficina de vídeo foi coordenada por André Lopes; a oficina de fotografia por Paula Morgado. Ambos pesquisadores são

solicitadas pelos jovens dessas culturas, no campo de vídeo, fotografia e som. No caso específico das oficinas de línguas, tratamos de termos técnicos diversos os quais eram discutidos nas outras oficinas – tais como ‘projeto’, ‘produção’, ‘cenário’, ‘imagem estática’ (fotografia), ‘imagem dinâmica’ (vídeo), ‘montagem’ etc. Abordamos alguns termos da informática³ e da tecnologia de celular, uma vez que estavam aprendendo a filmar e editar, os participantes gostariam de ver seus vídeos em seus telefones celulares. Neste estudo, apenas uma parte do trabalho de ‘metalinguística informática’ será abordada, cuja apresentação e análise de muitos dos dados foram tratados em Camargo et al. (2020)⁴. Nas oficinas, a lexicografia comparativa tratamos de palavras comuns entre o aparai e o wayana, e entre essas línguas e outras línguas indígenas e não indígenas. A lista de cem palavras (Morris Swadesh, 1952), consideradas recorrentes nas diferentes línguas, serviu para vermos o parentesco linguístico e para uma primeira e breve discussão sobre a necessidade de rever a grafia do aparai que é fonética, escondendo muitos fenômenos interessantes como a duração vocálica, assimilação, dissimilação e lenição – todos anotados por “h”.

O presente artigo propõe uma apresentação do léxico aparai e wayana, indicando palavras compartilhadas entre essas línguas ou palavras estrangeiras incorporadas no sistema lexical de cada uma delas. Os dados lexicográficos dessas duas línguas caribes foram coletados de primeira mão, *in situ*, no âmbito de um projeto etnográfico durante o qual realizamos «oficinas de língua». Antes de abordar essas questões, contextualizamos sociolinguisticamente e geograficamente os aparais e os wayanas.

2. Primeiras informações

As línguas aparai e wayana pertencem à família linguística caribe. Ambas são faladas por grupos do mesmo nome que vivem no Suriname, na Guiana Francesa e no Brasil, tido como território tradicional dos antepassados. A população global soma cerca de 2200 indivíduos. No Brasil, há pessoas de outros grupos indígenas com quem coabitam por meio de intercassamentos: os tiriós⁵ (família caribe), os tecos (*teko* conhecido antigamente por *emerillon*) e os wayampis (família tupi-guarani). Na Guiana Francesa, alguns são casados com alucos, povos afro-guianeses⁶. E nos três territórios há casamentos com ocidentais (brasileiros, franceses e holandeses). Os caribes dessa região do planalto guianês, o médio

antropólogos membros do Grupo de Antropologia Visual (GRAVI) da USP. A oficina de som foi coordenada por Guilherme Barros, músico e engenheiro de som. Essas oficinas realizadas a pedido do grupo fizeram parte do projeto de elaboração de um livro sobre os dois grupos já mencionado.

3. Entre 2014-2018, E. Camargo coordenou o projeto “Saberes Autoctones Wayana e Aparai (SAWA)”, cujo um dos objetivos era montar o portal wayana-aparai *watau*. Disponível em <https://watau.fr/s/watau-fra/page/accueil>.

4. Disponível em <https://journals.openedition.org/pds/5127>.

5. Os nomes dos grupos e línguas indígenas citados nesse trabalho segue a grafia do português e não as regras ortográficas da ABA (1956).

6. Chamados de ‘negros-marrons’ não por referência à cor da pele mas devido ao termo espanhol ‘cimarrón, cimarrona’ que significa ‘fugitivo’, remetendo ‘a uma pessoa domesticada que foge mato adentro’. O termo ‘negro-marrom’ refere-se aos assim antigos escravos que fugiram das plantações holandesas.

e o alto rio Paru d'Este (aparaís e wayanas⁷) e aqueles que ocupam o rio Paru d'Oeste⁸ (caxuianas, tiriós e txikiyanas), resultam de agrupamentos de sub-grupos étnicos⁹ de línguas próximas umas das outras. Com casamentos interétnicos, a identidade étnica se transmite via pela identidade linguística, determinada pela patrilinearidade¹⁰.

Região multilíngue

Nessa região multilíngue, muitos indivíduos são políglotas por falar 3, 4, 5 línguas da mesma família ou de diferentes famílias linguísticas (caribe, tupi-guarani, português, francês, línguas crioulas dos afro-guianeses ou crioulo francês). No rio Paru de Leste, muitos falam o wayana, o aparai, o tirió e o wayampi. Os mais velhos ainda entendem um tipo de sabir¹¹, conhecido sob o nome de taki-taki (do inglês *talk-talk*, sob uma base lexical inglesa), usado na relação comercial entre os afro-guianeses do Suriname e da Guiana Francesa, as diferentes populações indígenas e, atualmente, também os comerciantes chineses. Essa diversidade linguística é dinâmica em toda a região na Guiana Francesa (alto e médio rio Maroni) e no Brasil (Parque do Tumucumaque e Terra Indígena Paru d'Este). Segundo testemunhas orais, vigorava na região um tipo de exogamia linguística em que o homem procurava se casar com uma mulher de fala diferente da sua, fato linguístico que selava coesão social entre diferentes grupos da região; ainda hoje essa exogamia existe em menor escala, mas não parece ser mais um sistema social como pode ter sido outrora.

2. O contato interétnico: wayana e aparai e o mito

A memória dos falantes aparai aponta a região do baixo Amazonas na área dos rios Maicuru e Curuá do Norte¹², afluentes do rio Amazonas, no Estado do Pará. A dos falantes wayana corresponde à região do médio e alto rio Paru e rio Jari, ambos também afluente do rio Amazonas. Os dois povos lembram que no rio Ipitinga, afluente do médio Jari, no Estado do Amapá, no passado existiam aldeias aparais. Velhos aparais testemunham que outrora, quando viviam no baixo Amazonas, faziam incursões até o rio Trombetas em busca de caça, de fibras para confeccionar seus utensílios e tabocas de boa qualidade para suas flechas. Nesse trajeto, territorialmente imenso, entravam em contato com outros grupos, fosse para trocas de objetos, fosse para contrair alianças.

7. Parte das aldeias dos aparais e os wayanas encontra-se no Parque Indígena do Tumucumaque (situado na área de preservação criada em 2002: Parque Nacional da Serra do Tumucumaque), a outra parte na Terra Indígena Rio Paru d'Este. Na primeira área, também temos povos isolados, chamados no lado brasileiro, de akurio. Alguns deles foram contactados em 1968 no Suriname e passaram a viver entre tiriós e wayana no Suriname e entre wayana na Guiana Francesa, na aldeia Elahe. Para maiores informações em Vanessa Grotti & Marc Brightman (2016).

8. Esses dois rios encontram-se no extremo norte do Estado do Pará, embora os grupos indígenas dessa região estejam submetidos à Coordenação Regional de Amapá e Norte do Pará da FUNAI.

9. Por exemplo, o nome wayana cobre os povos *upului*, *kukui* 'vagalume' (ou *kukui yana*), *okomo* 'vespa' (ou *okomo yana*), *opak* 'rã opak' (ou *opak yana*). Cf. Grenand & Grenand (1985), Gallois (1986) e Morgado (1994).

10. Camargo (1997).

11. Língua híbrida constituída de lexemas de línguas diversas usada como meio de comunicação essencialmente comercial. Refere-se a um 'falar comercial veiculado no Mediterrâneo, composto de palavras do árabe, do francês, do italiano e do espanhol'.

12. O rio Maicuru situa-se no Município de Monte Alegre e o rio Curuá no Município de Alenquer.

Desde os anos 1960¹³, os povos aparai e wayana coabitam um mesmo território e formam uma sociedade por meio de intercassamentos¹⁴. A filiação étnica é dada pelo pai. Assim, a identidade étnica de um pai wayana é transmitida a seus filhos, assim como a sua filiação linguística, e vice-versa se o pai for aparai. Até meados dos anos 1990 essa regra de filiação étnica e linguística patrilinear era aplicada no rio Paru d'Este¹⁵.

Documentos históricos (HURAUULT, 1968; GALLOIS, 1986; GRENAND; GRENAND, 1985) apontam para uma coabitação de mais de duzentos anos entre esses dois grupos, cada qual, por sua vez, constituído de sub-grupos, frutos de coalizão de pós-guerra, de pós-epidemias¹⁶. Esta união é explicada na narrativa mítica conhecida sob o nome de Tulupele (wayana) ou Turupere (aparai)¹⁷, 'o mito da cobra grande'. A narrativa conta que no topo de uma montanha vivia um animal fabuloso (larva, jacurarú, sucuriju) muito grande, cuja existência era avisada por uma arara azul ao se aproximarem as canoas próximas da embocadura do rio Asiki no médio rio Paru d'Este. As canoas que subiam (os aparais) ou desciam (os wayanas) o rio, eram avisadas pela arara que gritava *kalalam-kalalam* avisando o «animal-devorador» que descia da montanha onde vivia e atacava quem passasse de canoa, matando seus ocupantes. Os familiares aparai daqueles que transitavam pelo rio Paru e não retornavam às suas aldeias pensavam que «seus parentes haviam sido atacados pelos wayanas» ou familiares wayanas «acreditavam ser os aparais que atacavam membros de sua família» (que descia o rio). Até que um dia, pajés de ambos grupos resolveram ver juntos o que ocorria; seguiram pela mata, ao longo do rio, uma canoa que navegava a fim de ver o que ocorria no local do acidente. Ao se aproximar da embocadura do rio Asiki, notaram que uma arara azul cantava ao ver uma canoa se aproximar e o Tulupele descia a montanha e atacava a canoa. Wayanas e aparais puderam ver que eles não se matavam, entre si e assim decidiram matar juntos o grande bicho e, desde então, passaram a coabitar¹⁸.

2.1. A coabitação linguística

A coabitação linguística contribuiu para um tipo de hibridismo de muitos conceitos e práticas socioculturais dos aparais e wayanas. Quando filho de pais de duas etnias, ele aprende as duas línguas: a da mãe e a do pai. Porém é a língua do pai que representa a identidade étnica do filho (homem e mulher). Conforme a aldeia, ele aprende outras línguas como o tirió (caribes) ou o wayampi (tupi-guarani)¹⁹. A identidade linguística é transmitida por aquele que cria a pessoa, pai biológico ou pai adotivo (= padrasto), ou pela língua do pai ou padrasto da mulher que, às vezes sozinha, cria uma pessoa. Se a pessoa é criada por um homem aparai (pai biológico ou pai não biológico), o filho natural ou não

13. Morgado (1994).

14. No rio Paru, wayanas casam majoritariamente com aparais e wayampis, e aparais com wayanas e tiriós. Na Guiana Francesa, os wayanas casam-se com aparais, com wayampis, com tecos (tupi-guarani) e recentemente com kali'nas (caribe).

15. Na Guiana Francesa, no alto rio Maroni onde vivem os wayanas, essa prática sociolinguística não vigora mais, em parte devido a alfabetização ser em wayana. Todos falam o wayana mesmo o pai sendo tirió, aparai, kali'na, wayampi ou teco. Vale lembrar que nos últimos vinte anos, mulheres wayanas que se casam com tecos ou com wayampis estão morando no Leste da Guiana em território wayampi e teco.

16. Hurault (1968), Gallois (1986).

17. Camargo & Ibañez (2015, p. 82-85), Camargo & Tapinkili (2020).

18. Van Velthem (1998).

19. Camargo (1997).

será reconhecido como sendo aparai e falará aparai, e assim por diante. Essa regra de afinidade e de identidade linguística perdura ainda hoje entre esses dois grupos no rio Paru d'Este, porém a alfabetização do aparai levou muitos pais wayanas a falar o aparai para que o filho não encontrasse dificuldade de aprendizagem! Desde o início do século XXI, no rio Paru, essa situação sociolinguística levou o wayana a perder espaço e se tornar uma língua altamente vulnerável, ao passo que o aparai, apesar da reduzida população, não está ameaçado. No caso inverso, na Guiana Francesa, onde o aparai tem menos de 40 locutores, ele está bastante ameaçado de extinção.

Multilinguismo

Hoje em dia, além das línguas indígenas, as crianças aparais e wayanas falam o português no Brasil, o francês na Guiana francesa, e o sranan tongo no Suriname. Na fronteira entre o Suriname e a Guiana Francesa, elas aprendem a se comunicarem em *taki-taki* graças aos vendedores ambulantes (afro-guianeses ou chineses) que navegam pelo rio Maroni ou ainda nos comércios rurais de Maripasula. Aos onze ou doze anos, a criança deixa a aldeia para estudar em Maripasula, onde ela aprende a falar o alucu. Depois dos quinze ou dezesseis anos, ela vai estudar nas cidades da costa atlântica onde aprendem o crioulo guianês. Desse convívio linguístico, o sistema lexical do aparai e do wayana recebeu influência lexical de diferentes línguas.

2.2. Presença missionária e escolarização

Nos anos 1950, Edward e Sally Koehn, missionários americanos do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), começaram um trabalho de evangelização junto aos aparais na região do município de Almeirim, no Baixo Amazonas. Em parceria com a FAB, reuniram aparais e wayanas, incluindo os do Jari e Ipitinga, em uma única aldeia, nomeada Bona²⁰, com o intuito de dar assistência médica, criar escolas e promover a conversão ao reunir a população, controlando mais facilmente os aspectos ditos «diabólicos» da cultura indígena (poligamia, tabaco, bebida fermentada, danças, xamanismo)²¹.

O casal de missionários pouco sensibilizou os wayanas para o cristianismo²². Diziam aos chefes wayanas que “deveriam falar apenas aparai para escolarizar seus filhos e netos, e que dispunham da Bíblia para ler”. Alguns wayanas reagiam dizendo, indignados: “Estão pedindo para eu deixar de falar a minha língua?!” (Pai de Tadeu, 1993). Porém, com a alfabetização voltada ao aparai, o casal buscou convencer o grupo, mais resistentes ao não abandono de suas práticas socioculturais. Com a alfabetização em aparai, esta língua passou a gozar de um certo prestígio linguístico e a transmissão do wayana entrou em declínio. O wayana continuou sendo falado entre os adultos (pais e avós), mas menos com as crianças. Testemunhos orais (2014-2018) contam que a transmissão voltou a decolar sem se preocuparem com a alfabetização ser em aparai²³. Na Guiana francesa, todavia, deu-se o contrário. Os inter-casamentos, não apenas se davam entre wayanas e aparais, como também entre wayanas e

20. Nome dado por Manfred Rauschert que vivia na época no rio Paru d'Este, junto aos aparai.

21. Grenand & Grenand (1985, p. 24), ACT (2007, p. 45).

22. A conversão destes foi feita no final dos anos 1990 quando pastores tiriós do Suriname chegaram no rio Paru, batizando as pessoas às vésperas do “fim do mundo”.

23. Foi nesse âmbito que abecedários em wayana e em aparai foram elaborados (CAMARGO, 2015).

wayampis e wayanas e tecos²⁴, contribuindo à caracterização de uma região multilíngue. Nessa região, o uso do wayana na alfabetização começou em 1984²⁵ na aldeia Antecume Pata. No final dos anos 1990 a alfabetização estendeu-se nas demais escolas wayanas da área²⁶, o que favoreceu para o prestígio da língua junto à sociedade nacional, deixando em segundo plano as demais línguas indígenas, cujo processo de transmissão diminuiu. Adultos aparais diziam que «passar a falar o wayana no cotidiano auxiliaria a criança em sua escolarização». Esta reflexão é a mesma feita por adultos wayanas no rio Paru d'Este em relação à necessidade de reforçar o uso do aparai para facilitar a alfabetização.

2.3. Léxico aparai

As diferentes línguas caribes faladas no extremo norte do Pará²⁷, região onde se situa este trabalho, expressam estruturas de pensamento algumas parecidas, outras diferentes. Receberam e recebem ainda léxico de diferentes línguas presentes na região²⁸. O léxico pode ser oriundo de uma mesma família linguística ou não, provir de grupos indígenas ou não indígenas. Tal mistura leva a um rico léxico que revela os diferentes contatos e influências linguísticas no aparai e no wayana.

Um dos primeiros autores a publicar um pequeno léxico aparai foi F. Rice (1934). Embora a obra seja interessante, notamos algumas dificuldades no sentido da tradução em inglês não corresponder ao significado na língua: por exemplo, 'man' *nopo*, 'woman' *puete*, 'wife' *nopo*, 'daughter' *erutua* ao passo que o correspondente coreto seria *orutua*, *nohpo*, *pyty* e *enxiry*, respectivamente²⁹. Sally Koehn (1991) e Eliane Camargo (2002) elaboraram material relativo ao léxico aparai. O wayana dispõe de um dicionário analógico (CAMARGO; TAPINKILI, 2020) que indica, para muitos dos vocábulos a sua origem estrangeira. Diante da pouca produção sobre o léxico aparai e wayana, propusemos uma oficina de língua sobre "o universo lexical aparai e wayana" no âmbito de um livro em curso sobre a etnografia aparai e wayana com a participação ativa de alguns membros.

Antes de adentrar no universo lexical aparai e wayana, propomos capitular outras línguas como o português e línguas primas próximas (italiano, francês) e línguas primas não tão próximas (inglês, alemão) à partir do grego e do latim, para ilustrar que o léxico é uma parte da língua sem fronteiras. Ele viaja com os mais diferentes tipos de contatos entre línguas.

24. Na literatura, os tecos são conhecidos sob o nome de Emerillon, dito *melejo* em wayana.

25. Akajuli foi o primeiro monitor de língua wayana na aldeia Antecume Pata (1986-2004). Camargo & Ibañez (2015, p. 120).

26. No final dos anos 1990, não havia alfabetização propriamente dito nas demais escolas wayana (Twenke-Taluhwen aberta em 1974, Elahe em 1985, Cayode 1991 e Pilima em 1996). No programa de "mediador bilíngue" (GOURY et al., 2002), o mediador de fala wayana e francês intervinha em classes primárias como tradutor mediando a comunicação entre o aluno e o professor francês. Desde 2010, existe nas escolas indígenas um dispositivo chamado "(aquele que) Intervém na Língua Materna" (*Intervenant em Langue Maternelle*). Cf. Alby & Léglise (2017, p. 10).

27. Aparai, hixkariyana, katxuyana, tirió, txikiyana, waiwai e wayana.

28. Em Jolkesky (2016) há um vasto leque de semelhança lexical entre línguas caribes e macro-jê, entre línguas como o guató, kawapana, nambiquara, taruma, warao, arawak (ou lokono), bororo, jeoromitxi, carajá, rikbaktsa, e línguas tupi.

29. Rice coletou a sua lista lexical do aparai junto a um homem que falava pouco português.

3. Empréstimo linguístico

As palavras são como elementos livres de uma língua. Elas viajam e entram em contato com outras línguas, favorecendo os empréstimos lexicais, cujo processo pode ocorrer de diferentes maneiras. Estes incorporam o sistema lexical das línguas de chegada e estas podem ou manter o sentido da língua de partida ou manter a forma da palavra e mudar de sentido.

Nas oficinas, empréstimos linguísticos onipresentes nas mais diversas línguas foram discutidos, e antes de adentrarmos nas palavras estrangeiras existentes em *apalai* e em *wayana*, apresentamos alguns termos em português ou outras línguas não indígenas vindos de outras línguas. Dentro de uma mesma família de línguas, é comum ver palavras que compartilham uma mesma raiz lexical; em alguns casos o processo derivacional é parecido, outros não, como ocorre com as línguas neolatinas.

O latim vulgar, que dominou diversos grupos de idiomas diferentes na Europa, deu origem a diferentes línguas românicas. Ele mesmo reflete influências oriundas de outras línguas como o grego devido ao contato e a importância filosófica e literária que teve esta língua na época Antiga. Em português, inúmeras palavras usadas no nosso dia-a-dia revelam um contato antigo entre essas duas línguas: o grego e o latim. Palavras ou raízes gregas estão bastante presentes não apenas em línguas neo-latinas. O português e o italiano compartilham vários empréstimos mantendo sua forma gráfica e seu conceito, alguns deles são compartilhados também com o francês (latino) e o inglês (germânico ocidental):

Em francês: 'pharmacie', 'philosophie', 'épique', 'dilemme', 'éphémère', 'empathie', 'énigme'.

Em inglês: 'pharmacy', 'philosophy', 'epic', 'dilemma', 'ephemeral', 'empathy', 'enigma'.

Em italiano: 'farmacia', 'filosofia', 'epico', 'dilemma', 'effimero', 'empatia', 'enigma'.

Em português: 'farmácia', 'filosofia', 'épico', 'dilema', 'efêmero', 'empatia', 'enigma'.

O termo 'farmácia', que designa 'local onde se vende remédio' é originário do grego. Vemos que o conceito de 'farmácia' toma formas diversas em línguas diferentes como em português e em alemão, língua na qual é a ideia de estabelecimento que veicula, enquanto que em português é o seu conteúdo, «a droga» que se cristalizou:

Em alemão: *apotheker*, oriundo do baixo latim *apotheca*, derivado do grego *apothéke* 'loja'.

Em português: 'farmácia', oriundo do grego *pharmakon* 'veneno', 'droga'³⁰.

Às vezes, um mesmo conceito, 'aquele que pode curar', é expresso por duas palavras diferentes em uma mesma língua:

1. Nos Estados-Unidos da América e na Grã Bretanha usam termos diferentes para 'médico':

Em inglês estado-unidense: 'physician'.

Em inglês britânico: 'doctor'.

2. O francês conhece dois termos para 'médico' usados em épocas diferentes :

Em francês da idade média: 'physicien'³¹.

Em francês contemporâneo: 'médecin'³².

30. O português antigo usava o termo 'botica', que vem do grego *apotheker*.

31. A palavra físico expressa em latim 'aquilo que se relaciona com a natureza'.

32. No francês coloquial, 'toubib', uso bastante corrente, provém do árabe *tebib* ou *tbib*, designando 'feiticeiro', hoje em dia 'médico'.

Esses exemplos mostram que em línguas de uma mesma família linguística pode haver uma variedade de palavras que revelam uma origem comum. Elas podem ter uma mesma pronúncia como ‘casa’ em português e em italiano, com uma mesma escrita, ou apresentam uma pequena diferença fonética, como ‘casa’ em português [kaza] e em espanhol [kasa], permitindo observar a evolução da fonética: fricativa sonora em português /z/ e fricativa surda em espanhol /s/³³. Uma mesma palavra pode apresentar uma mesma realização fonética, porém com grafias diferentes. Vejamos a palavra *homem* em português que se grafia *homme* em francês, *uomo* em italiano e *hombre* em espanhol, todas oriundas do latim *homo*, revelando um parentesco linguístico. Neste parentesco, há palavras usadas em uma língua como ‘vagabundo’ em português e em italiano ‘vagabondo’, mas em desuso em francês, ‘vagabond’ – que, quando usada, remete a um nível castiço da língua ou ao francês antigo. Já em espanhol, esse sentido é dado pela palavra ‘flojo’. Dentro do âmbito de empréstimos linguístico, uma determinada palavra em uma língua como *lunch* em inglês que significa ‘almoço’, pode entrar no campo lexical de outra língua com um sentido diferente. Em português, *lunch*, dito e escrito ‘lanche’ significar ‘merenda’. A palavra verbal *réaliser*, em francês, entrou no inglês com o sentido de ‘percerber’, *(to) realize* ‘fazer algo’ e voltou para o francês com o sentido usado pelos anglosaxões: «Je *réalise* que tu es déjà arrivé» (francês) | «Eu me **dei conta** que você já chegou». Hoje os dois sentidos da palavra são usados em francês: «Il **a réalisé** un beau travail» | «Ele **fez** um bom trabalho»! Muitos falantes franceses são conscientes que o sentido de ‘perceber’ vem do inglês, mas a nova geração já não faz a diferença e o uso do sentido inglês passou a ser bastante produtivo.

3.1. Palavras de origem indígena enriquecendo outros horizontes lexicais

O sistema lexical do português do Brasil dispõe de muitas palavras provenientes de línguas indígenas. ‘Pajé’ é uma delas. Ela deriva da família linguística tupi-guarani, *pa’ye*, designando ‘aquele que tem atributos de ‘curar’, de ‘negociar com entidades humanas e entidades (espirituais) não humanas’ ou ainda de ‘ajudar’ ou de ‘usar malefícios’. Esta palavra encontra-se em aparai ‘pyaxi’ e em wayana ‘pijai’ com os mesmos atributos semânticos.

Vimos acima como as palavras viajam de uma língua a outra, variando de forma e de sentido de uma língua a outra. O mesmo ocorre com línguas indígenas; as palavras de uma língua são encontradas em outras da mesma família linguística ou em outras famílias linguísticas indígenas ou também não indígenas. Tomemos três exemplos: anta (o maior mamífero amazônico); ananas (fruta) e sumaúma (uma das maiores árvores da Amazônia).

Exemplo 1: a palavra «anta» (*tapirus terrestris* em diferentes línguas)

Em tupinamba:	tapi?ír
Em wayampi (tupi-guarani):	tapi’i
Em francês:	tapir
Em aparai (caribe):	maxipuri
Em wayana (caribe):	maipuli
Em palicur (arauaque):	arudiki
Em português:	anta (do árabe andalus ‘lamta’)

33. O latim dispunha de dois termos para designar ‘casa’: *domus*, ‘a morada do senhor com poderes’ e *casa* ‘choça’, ‘cabana’, ‘habitação simplória’. Essa segunda designação permaneceu em algumas línguas neolatinas (português, espanhol, italiano, romeno, para designar ‘habitação’ sem a conotação de baixa qualidade. O termo *domus* é encontrado em russo, ‘dom’.

Duas línguas tupi-guarani e o francês empregam a palavra 'tapi'i(r)' para designar a 'anta'. Este nome em português pode provir do latim *antae* 'construção megalítica prehistórica'. Ter o nome do mamífero designado por tal palavra pode ter sido por comparação à sua corpulência que lembra um dolmém. O aparai e o wayana dispõem de uma mesma palavra para designar 'anta'.

As línguas indígenas wayampi (tupi-guarani), aparai e wayana (caribe), o francês e o português (latina) empregam uma mesma palavra originária do tupi-guarani, com variação fonética, para designar a fruta 'ananas', ou 'abacaxi'.

Exemplo 2: a palavra «ananas» (*Ananas comosus*)³⁴ em diferentes línguas

Em wayampi:	nãñã
Em aparai, wayana:	nana
Em palicur:	kawah
Em francês:	ananas
Em português:	ananas
Em inglês:	pineapple
Em espanhol:	piña

O aparai e o wayana (caribe) e o wayampi (tupi-guarani) compartilham um mesmo termo para a árvore sumaúma: *kumaka* (*Ceiba pentandra* (L.) Gaerth.):

Exemplo 3: a palavra «sumaúma» (*Ceiba pentandra* (L.) Gaerth.) em diferentes línguas

Em wayampi:	kumaka
Em wayana:	kumaka
Em aparai:	kumaka
Em alucu:	kākātri
Em francês:	fromager
Em português:	sumaúma

O aparai e o wayana compartilham uma parte do vocabulário de suas línguas nos mesmos moldes apontados acima sobre a influência do grego e no latim nas línguas neolatinas e em outras famílias linguísticas. A imensa diferença é que sabemos a origem das línguas românicas e de muitas influências no latim pelo grego. Isso se deve à escrita, aos escritos históricos, o que permitiu aos filólogos entenderem o processo da evolução lexical, morfológica e também o parentesco entre elas, chegando à uma origem comum das línguas. No caso das línguas indígenas, nem sempre é possível encontrar a etimologia das palavras.

A amostra de empréstimos lexicais acima expõe o vasto campo geográfico pelo qual as palavras podem circular. Novos conceitos, novas ferramentas, novos materiais entram nas mais diversas línguas. Os empréstimos ajudam a retratar contatos que um povo teve ou pode ter tido direto ou indiretamente dentro de uma mesma família linguística ou em famílias distintas. Os aparais e os wayanas não fogem à regra; eles emprestaram e emprestam palavras dos povos com quem têm contato, povos indígenas ou não – como todos povos, como todas as línguas.

34. Para os nomes autoctones ver Grenand et al. (2004).

3.2. Empréstimos linguísticos trilhando a história do contato

A linguística histórica estuda o processo de desenvolvimento de uma língua, buscando compreender, ao longo do tempo, as mudanças ocorridas em sua estrutura e uso, e as razões das mudanças. A partir de empréstimos linguísticos, a lexicografia aparai e wayana permite identificar novos lexemas relativos a produtos europeus, como ‘ferramentas’, ‘armas’, ‘tecidos’ trocados por produtos manufaturados indígenas, como redes. As palavras *alakapuha* ‘espingarda’ vem de ‘arcabusa’ e *kamisa*³⁵ entrou com o sentido de ‘pano’, ‘tecido’. De onde vêm esses termos? Armas e tecidos eram provavelmente negociados por mercadores marítimos presentes no litoral atlântico guianês desde os séculos XVI-XVIII, à busca do «El Dorado»³⁶. Os afro-guianeses foram intermediários nas trocas de mercadorias entre colonos europeus e povos indígenas. Os wayampis, por exemplo, foram controladores do comércio da área do Oiapoque entre 1850 e 1880 (GRENAND, 1982, p. 182). Crevaux (1883, p. 128), por sua vez, nota que desse contato de transporte e de aquisição de mercadorias, os wayanas viram que estar em contato com os wayampis e os alucus³⁷ seria um meio de obter os objetos ocidentais. A partir de 1889-91, a posição dos wayanas nos contatos com outras etnias se inverteu: eles passaram de ‘compradores de mercadorias’ a ‘fornecedores’ e traziam para o interior das terras mercadorias diversas³⁸, objetos que conseguiam com os afro-guianeses do Suriname (GRENAND, 1982, p. 183). Não se sabe quando palavra para ‘dinheiro’ entrou no vocabulário das línguas indígenas dessa região guianesa, mas elas dispõem de um mesmo vocábulo, *kalakuli* | *karakuri* em wayana, aparai (caribe) e wayampi³⁹ (tupi-guarani) ou ainda *karukri* em palicur (aruaque), que provavelmente entrou por meio de uma das línguas crioulas dos afro-guianeses⁴⁰, com quem o contato comercial era feito. O termo era conhecido desses povos, mas nada nos diz se usavam dinheiro. Quando wayanas e aparais trabalhavam como caçadores de pele (de onça), coletores de balata no baixo rio Paru eram pagos com material de consumo, entre eles espingardas. Não nos mencionam terem tido seus trabalhos pagos com dinheiro⁴¹. Na Guiana Francesa testemunhos orais wayanas e aparais contam que passaram a receber dinheiro nos anos 1950⁴², até então, o trabalho ou a aquisição de mercadorias eram feitas por meio de troca.

35. O termo *kamisa* designa em aparai e em wayana tangas masculina e feminina, feitas de algodão vermelho.

36. As Guianas tinham sido atribuídas aos espanhóis pelo tratado de Tordesilhas em 1494, mas estes as desprezaram por serem menos interessantes que o Peru ou o México para o ouro. Porém, no século XVIII (1775), os espanhóis se fazem presentes na região guianesa buscando o «El Dorado». (SOUTY, 1986, p. 310). Vale lembrar que o primeiro europeu a chegar no rio Amazonas, na foz da ilha de Marajó, foi Vicente Yañez Pinzón em 1499.

37. Citado por Crevaux como Boni, nome de uma grande liderança alucu.

38. Do Suriname levavam « tecido para mosquiteiro, malas ou baús metálicos, gamelas, miçangas de vidro, facas, anzóis, louça esmaltada, enxó para cavar canoa e produtos de colheita como goma de caucho e castanha do Pará ou ainda artesanato como rede em fio. Dos Wayampis eles compravam cão de caça adestrado, novelos de fio de algodão, pacotes de tabaco, redes tecidas e penas » (trad. Adaptada por E. Camargo). (GRENAND, 1982, p. 183).

39. Os wayampis, originários da bacia do rio Paraná, viviam no Médio rio Xingu, donde migraram para o Baixo rio Jari, no século XVIII. (GRENAND, 1982, p. 183).

40. É oportuno lembrar que no século 18, não havia moeda corrente na Amazônia, sendo o Sistema de troca a “moeda corrente”.

41. Termo que não provém nem do alucu nem do sranan tongo. Fr. Grenand (1989) propõe uma origem do kali’na designando ‘tudo o que brilha’.

42. Jean-Marcel Hurault, geógrafo e etnógrafo, que teve como missão colocar 7 marcos de concreto para marcar a fronteira seca entre o Brasil e a Guiana, pagava com produtos industrializados e também em dinheiro os indígenas e afro-guianeses que colaboravam com ele.

Esses dados históricos facilitam a compreender a presença de palavras de diferentes línguas em distintas línguas da região. Adiante (3.5.), os dados mostram algumas palavras que entraram no léxico aparai e wayana por intermédio de línguas crioulas dos afro-guianeses, referindo-se a produtos mercantis. Já o léxico entre línguas indígenas de famílias linguísticas diferentes refere-se sobretudo à fauna (peixe, aves, animal de caça), e também a artefatos que parecem sugerir material usado no comércio (3.4.). De qualquer forma, os wayanas e os alucus na Guiana Francesa estão ainda hoje em contato permanente, e a relação de 'troca' se mantém, porém, hoje, o que antes o wayana pagava com rede, cães de caça, arcos e flechas, hoje ele paga com dinheiro. Os alucus continuam levando bens de consumo como mascates (mercador ambulante), e palavras dessa língua continua entrando no wayana, mesmo em uma produtividade bem menor que há apenas trinta anos atrás.

3.3. Compartilhando vocábulos

Convivendo entre si pelo menos por duzentos anos, o contato entre os aparais e os wayanas revela simbioses e osmose⁴³ sociolinguísticas tanto no nível social, como na fusão em algumas das práticas socioculturais; o rito de purificação (*epurutopo*, em aparai, e *eputop*, em wayana) ou a assimilação de práticas culturais: conhecimento da manufatura de algodão pelos aparais, objetos (redes, porta-bebê) adotado pelos wayanas. Essas duas línguas compartilham muitos lexemas.

Vocábulos idênticos

Abaixo, observa-se palavras idênticas em aparai e em wayana expressando o mesmo significado.

Exemplo 4 – vocábulos idênticos

	aparai wayana
Árvore, bastão, pau	wewe
Basta, suficiente	epo
Buzina de cabaça grande	kuhku . Imita coruja grande sp.
Flecha ponta de madeira	kamata . Usada para matar pássaro.
Lontra	awawa
Macaco prego	meku
Ovo	ihmo ⁴⁴
Remo	apukuita ⁴⁵
Vasilhame de cuia ⁴⁶	kutumu

Muitas vezes parece haver vocábulos diferentes entre elas, mas trata-se, no entanto, de uma mesma palavra: o alfabeto wayana segue o seu sistema fonológico ao passo que o aparai dispõe de um alfabeto semi-fonético semi-fonológico, o que faz com que o alofone seja indicado por uma letra. A lateral retroflexa [ɭ] é grafada 'r' em aparai e 'l' em wayana, a pronúncia e o significado são um só:

43. Cf. Cáccamo, Celso Alvarez (2004).

44. O wayana dispõe de um lexema pleno para 'ovo' *pumo* usado como determinante de nome: *kulasi pumo* 'ovo de galinha', e *ihmo* é sua forma lexical irregular para a 3ª. pessoa do possessive *i-hmo* /3ª.POSS-ovo/ 'seu ovo'. O aparai não dispõe do termo pleno *pumo*.

45. *Akupuita*, no wayana falado na Guiana Francesa, apresenta uma metatese segmental.

46. Guardar farinha, pimenta, mel, bebida, larvas de palmeira.

Exemplo 5 – vocábulos de mesmo significado, diferenciados pela grafia

	aparaí 'r' wayana 'l'
Anta	maxipuri maipuli
Apito ⁴⁷	kuran-kura kulan-kula
Buzina	pupuri pupuli. Objeto adornado com pena de mutum, galinha, arara. Ela imita o som da coruja <i>pupuri</i> .
Cerâmica para beber	tumeri tumeli
Cesto de palha, mala metálica	pakara pakala
Macaco preto	arimi alimi
Peneira	manare manale
Coatipuru	meri meli
Taboca	kurumuri kulumuli. Ponta de flecha, usada para matar macaco e caça grande.
Tampa, porta, fechadura	apuru apulu
Uxi (fruta)	makara makala

Muitas palavras escritas com 's' em aparai, são escritas com 'h' em wayana. Esta manteve o uso dos dois segmentos quando a fricativa /s/ é seguida da vogal /u/:

Exemplo 6 – vocábulos de mesmo significado, diferenciados pela grafia

	aparaí 's' wayana 'h'
Caxiri branco (bebida)	sakura hakula
Cesto, guarda pimenta	sumuri sumuli, humuli
Seio, leite	susu susu, huhu

Em alguns casos, a vogal final da palavra wayana cai no seu uso não derivacional, o que não ocorre no aparai:

Exemplo 7 – vocábulos de mesmo significado com queda vocálica em wayana

	aparaí wayana
Casa de teto retangular	tymanakemy tīmanatkem{ī}, sustentada por 8 esteiros
Abrigo no mato	meikoropano meikolopan⁴⁸
Esposa de	-pyty -pīt{ī}
Cocar, máscara <i>oroko</i>	oroko olok{o}

Em wayana, a vogal final elidida, indicada entre parênteses, reaparece em processo derivacional:

Exemplo 8 – vocábulo wayana com vogal final presente em processo derivacional

Não tem máscara <i>orok{o}</i> .	Olokomna man.
Deu à esposa dele, <i>ipit{ī}</i>	Ipītīja tēkalēi.
Não tem uma casa sobrado <i>tīmanatkem{ī}</i> .	Tīmanatkemīmna man.

47. Cerol de abelha e pena.

48. Termo derivado provavelmente de uma língua afro-guianesa. Talvez construção de uma dessas línguas faladas entre a Guiana Francesa e o Suriname e em seguida copiada pelos indígenas da região.

O fonema aproximante labial /w/ grafado “w” em wayana não existe em aparai:

Exemplo 9 – ausência da aproximante /w/ em aparai

	aparai wayana
Açaí	apu wapu
Grupo wayana	ajana wajana
Pica-pau	etu wetu
Roda de teto	maruana maluwana

Em aparai, a fricativa coronal sonora /z/ corresponde a fricativa palatal /j/ em wayana, apesar de /j/ existir em aparai:

Exemplo 10 – correspondência entre /z/ em aparai e /j/ em wayana

	aparai wayana
Tanga masculina	zamara jamala
Moquém	zara jala
Coatipuru	zata jata
Posposição locativa	zao jau
Lontra pequena	zukini jukini
Entidade <i>yoroko</i>	joroko jolok{o}

A vogal «ë» em wayana corresponde a «o» em aparai, visto não haver nesta língua a vogal central média:

Exemplo 11 – correspondência entre /o/ em aparai e /ë/ em wayana

	aparai wayana
Argila	orino ëlinë
Caba, vespa	okomo okomë
Cobra	okoi ëkëi
Forno (de barro ou de ferro)	orinato ëlinat{i}
Remédio vegetal	opi ëpi
Abelha, mela	ano wanë

O aparai tem vogal longa, anotada aqui por dupla vogal, ao passo que a duração é indicada por ‘h’ ou simplesmente não é grafada:

Exemplo 12 – duração vocálica

	aparai wayana
Arpão (para pesca)	paamta pamta
Parceiro estrangeiro	paana pawana (relação de aliança potencial)
Nome próprio	Maanpe ⁴⁹ Manpe

A duração vocálica é pouco produtiva em wayana. Ela aparece em poucos vocábulos, como em *maa* ‘Pois bem,’ *puupu* ‘tracajá,’ *tiikë* ‘Faça!’

49. Os aparai escrevem *manpe*, e ao pronunciar a realização da duração vocálica é claramente perceptível.

3.4. Vocábulos provenientes de outras línguas indígenas

As relações com outros grupos da mesma família linguística (tiriós, da família caribe) ou de famílias diferentes (wayampi e teco da família tupi-guarani) também aparecem no inventário lexical do aparai e do wayana. Alguns wayanas identificam vocábulos tiriós:

Exemplo 13 – vocábulo de origem tirió (caribe)

Arpão	suparari supalali. Ponta de arpão ou de flecha, feita de ferro ou de madeira. Usado para matar pássaro, caça.
Cabana	maita (way)

Aparais e wayanas compartilham alguns vocábulos de origem tupi-guarani.

Exemplo 14 – vocábulo de origem teco ou alguma língua tupi

	aparai wayana
Brasileiro	karaiwa kalaiwa ⁵⁰ .
Cotia	akuri akuli
Peixe pacu	paku paku
Peixe surubim	surui hului
Prato	palapi (way)
Rio grande, mar	parana palana ⁵¹

A língua aparai dispõe de palavras de origem tupi-guarani não usadas em wayana:

Exemplo 15 – vocábulo de origem tupi (nhengatu[?]) na língua aparai

Boto	putu
Camarão pitu	pitu 'peixinho', 'piaba'
Casa	tapyi. Do tupi <i>tapi'ri</i> 'choupana'.
Jacaré	zakare
Louro, papagaio	roro 'cobra papagaio'
Macaxeira	makaxira
Peixe pirarara	piarara
Peixe pirarucu	piraruku
Peixe tucunaré	tukunare
Remo	apukuita. Do wayampi <i>ypykwita</i> (?)
Tipiti	matapi

Tipiti* é o nome tupi para o cesto cilíndrico usado para espremer a massa da mandioca ralada, chamado em wayana de **tĩnkĩi, ou **kĩnkĩi**. Os aparais preferiram adotar o nome tupi, *matapi*, para *covo côncavo*, para os que são alongados, os quais provém da armadilha cilíndrica para pegar crustáceo do rio, muito

50. De *karai* 'grande pajé' em tupi no século XVI, designando em seguida 'português; espanhol' no século XVII (Fr. GRENAND, 1989); 'senhor' em guarani, Cf. <https://historiaeculturaguarani.org/a-morada-dos-karai/>

51. O wayampi vivia perto de /palana/ palavra que recobre para os Tupis tanto o Amazonas como grandes rios assimilados ao oceano. (GRENAND, 1982, p. 80). Em um manuscrito, sem data, Grenand, cita Nimuendaju (1926) que indica que os wayampis viveram na bacia do rio Paraná.

usado na Amazônia. O uso desse termo tupi para tipiti pode ser um índice de que os aparai não usavam esse utensílio. Qual seria a razão de terem adotado um nome tupi que designa uma armadilha de pesca? Pela sua forma? Pelo material usado na confecção? É interessante ver que entre esses vocábulos, há nomes de peixe. Qual razão levaria esses grupos que vivem hoje à beira de grandes rios ter em seu léxico nomes de peixes de origem tupi? Os wayanas viviam mata adentro (MORGADO, 1994), mas, já pelo menos há um século, transitam pelo rio Paru, onde pescam surubim, pacu. Os aparais viviam próximo ao rio Amazonas, na área dos rios Maicuru e Curuá do Norte, onde também há esses peixes. O roedor 'cotia' consome mandioca nos roçados, qual seria a razão de os wayanas e os aparais terem em seu léxico o nome desse roedor provindo de uma língua tupi-guarani, o que nos leva a seguinte indagação: será que não consumiam mandioca nem macaxeira?

No Baixo Amazonas houve missões dos capuchinhos e uma hipótese a se fazer quanto a presença importante de vocábulos de origem tupi na língua aparai seria que o grupo tivesse tido contato com a língua geral usada nas missões. Os missionários capuchinos já estavam na região no final do século XVII (entre 1692-1693) com as fundações das missões de Pauxís e do Curuá. Os capuchinos do Curuá promoveram o deslocamento de Barés (aruaques) e de outras etnias do rio Trombetas para a missão do Surubiú, dando origem à atual cidade de Alenquer. Os aparais viviam nesta área (nos rios Maicuru e Curuá) onde houve missões. A figura 1 ilustra o número de missões existentes no norte do Brasil no século XVII e início do século XVIII, época da tupinização dos tapuias, o que dá sustento à hipótese de que introdução de vocábulos de origem tupi na língua aparai pode vir de um contato com uma ou mais missões, ou simplesmente devido o ocorrido ao longo do período colonial, o uso da «língua Geral da Amazônia (LGA)⁵²» como língua de comunicação interna da Amazônia⁵³.

Figura 1 – Mapa das Missões no Norte do Brasil

Mapa extraído de Serafim Leite 1943.

52. Língua geral, desenvolvida pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII com base no vocabulário de línguas tupi-guaranis faladas no litoral atlântico.

53. Cf. Freire Bessa (2003, p. 34).

Os grupos indígenas (caribes, arauaques) dessa região guianesa também tiveram contato com os wayampis (da família tupi-guarani). Os inúmeros conflitos entre eles não impediram as relações de aliança entre wayampi e wayana, por exemplo, marcando «tratados de paz» entre eles. Relações interétnicas permitiram o empréstimo de vocábulos dessas línguas em contato, como vemos em palicur (família arauaque) alguns termos de origem caribe:

Exemplo 17 – termos de línguas caribes em palicur

	palicur	aparaí	wayana
algodão	mawru	mauru	mawu
fava, feijão	kumat	kumata	kumata

3.5. Vocábulos provenientes de línguas não indígenas

Com o contato de grupos indígenas com seus intermediários afro-guianeses para a aquisição de bens industrializados, palavras que designam as ferramentas adquiridas nas línguas crioulas dos afro-guianês entraram no vocabulário do aparaí e wayana. Esse contato deixou não apenas inúmeras palavras no vocabulário dessas línguas indígenas, revelando o tipo de mercadoria usada na troca, mas também a origem da mercadoria. No exemplo 18, pode-se ver um vocábulo de origem inglesa. O aparaí e o wayana não dispõe de oclusivas sonoras, o que leva os falantes adaptarem a palavra 'estrangeira' ao sistema fonológico de suas línguas, com exceção da palavra *beli* que revela ser um empréstimo recente, dentro de alguns anos provavelmente será pronunciado 'peli'. A lista de palavras abaixo sugere diferentes vias pelas quais as palavras entraram no sistema lexical do aparaí e do wayana:

Exemplo 18 – palavras de línguas crioulas à base lexical inglesa

	aparaí wayana
Arroz	alesi 'rice'
Balde	poketi 'bucket' ⁵⁴
Cama	beli 'bed' ⁵⁵
Escola	sikolo 'school'
Gato	pisa pusi-pusi 'pussy'. O wayana também usa o termo <i>mimi</i> .
Pão	pelele 'bread'
Semana	wiki 'week'
Vaca	kaw 'cow'

O amendoim *okonehpy* em aparaí e *ahnep* em wayana mostram vocábulos de raiz caribe, porém o wayana falado na Guiana Francesa adotou o termo *pinta* do sranan tongo cujo uso se tornou produtivo, substituindo o termo original, este muitas vezes desconhecidos da nova geração.

Muitas palavras oriundas de línguas afro-guianesas faladas sobretudo no Suriname fazem hoje parte do vocabulário do wayana da Guiana Francesa, principalmente do alucu, com quem os wayanas mantêm contato constante:

54. Não havendo oclusivas sonoras nessas línguas caribes, o /b/ é interpretado 'p'.

55. Não havendo 'd' no estoque de fonemas do wayana, /d/ é, por ora, interpretado 'l'.

Exemplo 20 – palavras do alucu, língua à base lexical inglesa

	wayana
Bala, caramelo	sukulu sili
Calcinha, cueca	joki
Chave	soroto (ap) holoto (way)
Chocolate	lonka
Escritório	kantolo
Meia	gousu
Mesa	tafra. Em processo de integração no sistema fonológico do wayana sendo pronunciado cada vez mais como <i>'talafa'</i> , e provavelmente logo mais <i>'talapa'</i> .
Milho	kalu. Termo wayana é <i>ehnai</i> .
Molho soyo	siu
Motosserra	pepeka
Toalha de banho	wasituku

Exemplo 21 – palavras do sranan tongo em wayana

Avião	opolan
Corda	koteli
Seringa	sipoiti. Do neerlandês <i>sputit</i> .

Exemplo 22 – palavras de línguas crioulas faladas por afro-guianeses da fronteira entre o Suriname e a Guiana Francesa

Bombinha	simpei
Carrinho de mão	waki
Chaleira	ketepe
Gaiola	koi
Lâmpada	peili
Mudubim	pinta
Música não indígena	poku
Pepino	kom-kom

Abaixo algumas palavras do português em aparai e em wayana:

Exemplo 23 – palavras do português

Bacia	paxia, paxiha pasika
Bucha	puxa pusa
Francês	paraxixi palasisi
Gasolina	kasurina kasulin{u}
Miçanga	kasuru kahulu
Sabão	sahpau hapau, hapu
Saco plástico	saku haku
Tuberculoso	mepekuroso mepekuloko
Fósforo	palitu

O aparai e o wayana dispõem de uma mesma palavra, *patu*, do português 'prato', mas empregam com significados diferentes.

Exemplo 24 – palavra 'prato' do português

Panela	patu (way). Provavelmente por ser prato fundo de alumínio.
Prato	patu (ap)

Para 'panela' o aparai usa a palavra *oripo*, e para 'prato' o wayana emprega *ëlimak*.

A palavra que designa 'carro' entrou em aparai como *auto* que pode provenir do francês, como ele entrou no vocabulário do wayana da Guiana Francesa *oto*. Já o wayana do Brasil optou *kahu* do português. Para 'motor' o aparai e o wayana emprestaram do português com realizações fonéticas diferentes, *mutu*, em aparai e *montoru* em wayana.

Muitas palavras do francês entraram no wayana por meio de línguas crioulas afro-guianesas:

Exemplo 25 – palavras do francês em wayana

Boneca	popiki . Do francês <i>poupée</i> , passando pelo holandês 'pop'.
Calça comprida	paluku . Do francês <i>pantalon</i> .
Camisa	simisa . Do francês <i>chemise</i> , entrando em wayana com o sentido de 'roupa'.
Chefe	kapitem{u} . Do francês 'capitaine'. Do latim <i>capitanu(m)</i> entrou em francês pelo espanhol, <i>capitán</i> .
Fósforo	alimet . De <i>allumette</i> .
Sabão	hopu . De <i>savon</i> .

O contato com franceses é secular, mas a entrada de léxico francês nessas duas línguas caribes aumentou nos últimos quinze anos, com a ida de jovens para estudar no litoral, sobretudo em Caiena, Kourou [kuru]:

Exemplo 26 – palavras do francês moderno em wayana

Carro	oto 'auto'
Célula	pohtap 'portable'
Cerveja	bili 'bière'
Euro	elo
Feijoada	kasulet 'cassoulet'
Garrafa	kutei 'bouteille'
Rádio	latjo
Vídeo, televisão	widejo 'vidéo'

E palavras do nahuatl clássico, língua dos Aztecas, entraram no wayana pelo francês que por sua vez emprestou do castelhano:

Exemplo 27 – palavras do nahuatl pelo francês em wayana

Feijão	aliko 'haricot'. Do nahuatl <i>ayecohtli</i> .
Tomate	tomat . Do nahuatl <i>tomatl</i> ou <i>tomohuac</i> ⁵⁶ .

5. Neologismo para designar vocábulos técnicos

Entre 2016 e 2019, uma equipe de aparais e wayanas (Brasil e Guiana) participou de um projeto de estudo de acervos audiovisuais, documentos históricos e coleções museológicas para criar e alimentar um portal digital multilíngue que por ora aparece em três línguas: wayana-aparai-francês (<https://watau.fr/s/watau-fra/page/accueil>). O portal se chama WATAU (*wajana apalai tuwalon apëipotpi uhpak* lit. Registro de saberes antigos dos wayanas e aparais). Para se ter as páginas em modelo word com as diferentes designações (inserir, revisão, colar, corpar eetc...) em aparai e em wayana, oficinas de metalinguagem informática foram organizadas na área indígena (Suwi-Suwi Mìn), mas também na cidade de Oiapoque, Caiena e Paris. A equipe de estudo adaptou muitas das palavras já existentes na língua vernacular como termo técnico⁵⁷:

Exemplo 28 - termos informáticos correspondentes entre o wayana e o aparai

Português	Wayana	Aparai	Leitura literal
Aceitar	ëë katop	<i>yn katopo</i>	'ter o acordo de', 'dizendo sim'
Bateria	<i>ulu</i>	<i>zuru</i>	'beiju' (lit. 'o beiju de')
Cabo	<i>ilakmatop ewa</i>	<i>eary</i>	'corda para inserir algo' (way.), 'corda' (ap.)
Salvar	<i>apëipotop</i>	<i>apoipotopo</i>	'para mandar pegar'
Vírus	<i>aki</i>	<i>akyry</i>	'parasita'

Este projeto, conduziu a equipe a criar uma palavra para 'computador', *ëpitea*, neologismo que é um acrônimo, no qual cada letra da palavra tem um significado em wayana:

Ëhmelë	= tudo
Pohnëptën me	= para pensar, refletir
Itenkapamila	= sem esquecer
Tëweihem	= o que é necessário
Epohnëptop	= para a memória
Ajau	= dentro

Ëpitea significa literalmente "aquilo que tem (dentro) tudo o que é necessário para memorizar e não esquecer." Termo ainda bastante novo, cujo uso ainda não é compartilhado por todos os wayanas. A aceitação coletiva do termo pode levar algum tempo, como ocorreu com o nome criado para designar dicionário "*ëtapomi*", criado durante uma "oficina de dicionário", em 2009. Os primeiros wayanas consultados sobre o que achavam desse neologismo não participantes acharam uma aberração por se tratar de uma palavra inexistente. Ninguém nada sugeriu algo de melhor. Com o passar do tempo, passaram a usá-la para comentar o dicionário que estava sendo elaborado. Dez anos mais tarde, *ëtapomi*

56. Em nahuatl, *tom-atl*, *tomo huac* significa 'água gorda': *tom ohuac* 'gordo', *atl* 'água'

57. Camargo e ali (2020).

'dicionário' está presente no léxico wayana. Êtapomi não é um acrônimo como *watau* ou *ëpítea*. Trata-se de um processo derivacional em que *ëta* designa 'regrupar' e *omi* 'palavra'. Fusionaram o encontro vocálico entre dois 'o': *ëta*-*omi* cuja leitura literal significa 'regrupamento de palavras'⁵⁸.

Um dicionário aparai está sendo elaborado, mas por ora não houve nenhuma discussão coletiva sobre um nome mais profunda em aparai que por ora não dispõe de um termo para computador, por sinal nem para dicionário.

A lexicografia aparai e wayana entre empréstimos e neologismos mostra a entrada de lexemas de línguas variadas pertencendo a uma mesma família linguística indígena ou a outras famílias de línguas indígenas ou não indígenas (espanhol, francês, português). Entram pelo contato de línguas pelo viés do contato interétnico ou, como vimos, pelo comércio mercantil. No aparai e no wayana falado no Brasil, a influência lexical estrangeira vem, hoje em dia, do português. Na Guiana Francesa, além de continuar a ter influência das línguas dos afro-guianeses, os vocábulos são de base lexical inglesa, francesa ou ainda do crioulo guianês, que estão entrando por meio da nova geração em contato com centros urbanos.

6. A lista de cem palavras de Swadesh

Durante as oficinas de língua aparai e wayana, aproveitamos para traduzir em aparai e em wayana a lista de cem palavras estabelecida pelo linguista americano Morris Swadesh (1909-1967). Ele expunha que quase 14% das palavras básicas de uma língua são substituídas a cada mil anos e que as línguas dispõem de um vocabulário básico, que segundo ele, é comum a todos os idiomas de um mesmo grupo linguístico. Elaborou várias listas, a primeira com 225 significados, porém a mais comum é a divulgada em 1972 contendo cem itens. O autor elaborou essa lista com vocábulos de base, entendidos como sendo resistentes aos empréstimos, tendo como finalidade a comparação lexicoestatístico. Aplicamo-la em aparai e em wayana o que oferece a oportunidade de ver a proximidade de alguns dos termos e a diferença de outros. Em alguns casos, para um mesmo termo em português há mais de uma palavra em aparai ou em wayana. Vejamos alguns exemplos:

Vocabulo nº 8 - advérbio de negação 'não'.

Em aparai, o advérbio de negação apresenta uma forma plena, morfema livre, *arypyra*, e uma forma curta, morfema dependente. O wayana dispõe de um morfema livre, *uwa*, de um sufixo de negação verbal e de uma posposição, *tapek*. Vejamos como eles são empregados.

Para o advérbio de negação, *arypyra* (ap.) e *uwa* (way.) significa tanto 'não', como 'nada', 'jamais' e 'nunca':

Aparai: — *Omise mah?* — **Arypyra**
— Você está com fome? — Não

Wayana: — *Ëwapëjep?* — **Uwa**.
— Você está com fome? — Não.

A lista de Swadesh indica apenas o advérbio de negação, os participantes da oficina reagiram, no entanto, e forneceram outros contextos com o sentido de "negação" lembrando que o aparai apresenta duas variantes deste advérbio: uma forma longa, *arypyra*, outra curta, *pyra*:

⁵⁸. Os wayanas da Guiana Francesa elaboram dois dicionários: um é analítico (*Wajana omi jatëku*|Wayana au Coeur des mots, 2020) e o outro é lexicográfico, em andamento. Ambos são bilingues wayana-francês.

Arypyra, que significa 'não', 'nada', 'jamais', 'nunca', é usado de forma independente:

– *Kuratirihmo aihpyry seh mano?* – Arypyra.

Você quer ovo frito? – Não.

A forma de negação curta, **pyra**, aparece junto ao substantivo: *Nohpo pyra* Não é uma mulher.

adjetivo: *Axin pyra aytoryke kaikuxi nesezano*. Correu devagar e a onça o pegou;

verbo: *Unsehpo onyhkoh pyra exiko*. Não corte o cabelo.

O wayana também apresenta duas variantes de negação com formas distintas: o sufixo *-la* e a posposição *tapek*.

A forma de negação *-la* associa-se ao:

adjetivo: *Aluku omi upipola* O alucu não é difícil. (= a língua alucu)

verbo: *Ėtupoma hela wai* Eu não quero me vestir.

A forma posposicional, **tapek**, relaciona-se ao:

nome: *Weki tapek* Não é da família.

pronome: *Lome iwu tapek* Mas, não sou eu. (responsável por ter feito algo...)

advérbio: *Hejelon tapek wai* Eu não sou daqui. (= deste rio).

A pessoa associa a esta posposição: —**Itapek** mëklë. —Mëklë Não é ele. (Sim), é ele.

O wayana dispõe ainda de um 'privativo' *-mna*:

Okahpe wai. Tenho anzol. (lit. Estou no dispor anzol)

Okamna wai. Não tenho anzol. (lit. Estou desprovido de anzol.)

Vocábulos referentes ao corpo humano— nome genérico e nome específico ou possessivo.

A lista de Swadesh composta de um vocabulário de base resistente aos empréstimos pode se deparar com algumas complexidades próprias de cada língua. Ele foca o léxico, mas há línguas na qual a palavra não é formada apenas de sua raiz, devido a processos derivacionais que se impõem e diferenciam-se pela sua estrutura morfológica.

Em aparai e em wayana, a categoria de posse proporciona uma subdivisão dos nomes em ao menos três classes semânticas, estas diferenciadas pela estrutura morfológica de seus membros por nomes inalienavelmente possuídos, nomes alienavelmente possuídos, nomes não possuídos – fenômeno bastante produtivo em diferentes línguas indígenas. Essas duas línguas caribes diferenciam o nome genérico do nome possuído. O aparai marca morfológicamente a relação alienável (*-nu*) ou inalienável (*-ru*)⁵⁹:

59. Em wayana, a relação de inalienabilidade é marcada somente com a negação. Cf. Petrolina (2005) e Camargo & Wajana (2019).

Exemplo 29.

Nome	Português	Comentário	
	genérico	específico	
Aparai	pupu	ipupuru	corpo (de)
Wayana	pupu	ipupu	

Quando a sílaba inicial do termo possuído é um ataque nulo, ocorre o fenômeno de ablaut, que modifica a vogal. Em aparai, a vogal /o/ em oma 'mão' realiza-se /e/ na forma do possessivo emary 'mão de'. Em wayana, a vogal inicial /o/ realiza-se /a/ na forma do possessivo:

Exemplo 30.

Nome	Português	Comentário	
Aparai	oma	emary	mão (de)
Wayana	omo	amo	

A lista de Swadesh foi enriquecida com dados suplementares do aparai e do wayana.

Quadro 1. Lista de vocábulo de M. Swadesh

Português	Aparai	Wayana
1. eu	Ywy	İwu (Guiana Francesa) ; İü (Brasil)
2. tu, você	Omoró	Ėmë
3. nós exclusivo : 1-2+3 inclusivo : 1+2-3	Yna Kumoro	Emna Kunmë
4. 3a. p. do singular, ele/ela: anafórico singular : 3a. p. do plural, eles/elas: anafórico plural:	Ynoro Mokyro Ynaroro Mokaro	Inëlä Mëklë Inamolo Mëkjäm
5. este/a	Sero	Helë
6. quem	Onoky	Ėnik
7. o que	Oty	Ėti
8. não	Arypyra (advérbio). Pyra (negação nominal e verbal)	Uwa (advérbio). -tapek (posposição 'negação não-verbal') -la (negação verbal)
9. todo, todos	Ehmero	Ėhmelë
10. muitos	Tuhke, moino, itamuru me	Kole, mëwisnë/mëwihnë
11. um	Toiro	Pëkënatpë
12. dois	Asakoro	Hakenë
13. grande	Zumono [zu'mo:no] ¹	Pepta ⁶⁰

60. A realização fonética é fornecida para alguns lexemas do aparai para apontar a parada glottal (') que é bastante produtiva. A parada glotal também indica a vogal longa que não marcada na escrita dessa língua. Muitas vezes essa parada ou duração vocálica é indicada pelo grafema 'h'.

14. cumprido	Mosa [mo:'sa]	Kupime
15. pequeno, curto	Pitiko	Apsik
16. mulher	Nohpo	Wēlii
17. homem (adulto)	Orutua	Eluwa
18. pessoa (individual)	Ahno	Wajana
19. peixe	Kana	Kaa (antigo), ka (moderno)
20. pássaro	Torono [to'rono]	Tolopit
21. cão (, onça)	Kaikuxi	Kaikui
22. piolho	Azamo [a'za:mo]	Ėjam
23. árvore Tronco (=corpo)	Wewe ipunu	Wewe lpun
24. semente	Ipuhturu [i'puh:turu]	Eputpī
25. folha Folha de	ary zary	Ale
26. raiz raiz de	-mity imity	mit{ī} imit
27. casca (de árvore)	Wewe pihpyry	Wewe pitpē
28. pele	Pihpo [pih:po]	Pitpē
29. carne, corpo carne de, corpo de	punu ipunu	punu ipun
30. sangue	Munu	Mīwu
31. osso osso de	Zepo [Ze:po] zehpyry	Jetpē ljetpī
32. gordura gordura de	-kase ikasery	-kat{ī} lkat
33. ovo	Ihmo ['ihmo]	Pumo (possessivo associado a um nome) Ihmo (possessivo associado a um pronome pessoal)
34. corno	Iretyry ['kapau iretyry]	Isikletī
35. rabo rabo de	Arokyry	Watkē (possessivo associado a um nome) Iwatkī (possessivo associado a um pronome pessoal)
36. pena, pena do rabo, calda	Ihpoty ['ihpotī] Arokyry	Pupot (possessivo associado a um nome) ihpot (possessivo associado a um pronome pessoal) (kulasi) watkī
37. cabelo	Unsehpō	Umhet{ī}
38. cabeça	Upuhpo	Uputpē (possessivo associado a um nome) -uputpī (possessivo associado a um pronome pessoal)

39. orelha orelha de	Pana ipantry	Pana Ipana
40. olho olho de	Onu	Ėwu (Guiana), ėu (Brasil) -ewu, -eu
41. nariz nariz de	Ouna [ou'na]	Ėmna -emna
42. boca boca de	Myhta -mtary	Mihta, -mta
43. dente	Zery -zery	Jeli -je
44. língua	Nuu -nuuru	Nuu (Br.), enu (GFr.) -nu{u}
45. garra, unha garra de, unha de	Emasiu tutu oma	omo hawin amo hawin
46. pé	Pupu	Pupu
47. joelho joelho de	Osekumu -esekumuru	Ėhemu -ehemu
48. mão (genérico) mão de	Oma -emary	Omo -amo
49. ventre, barriga	Mone	Mone
50. pescoço (genérico) Pescoço de	Pymy -pymyry	Pimĩ -pimĩ
Nuca	Pymy zehpyry	-
Garganta (genérico) Garganta de	Osená -esenary	Ėhena -ehena
51. peito	Suhsu	Susu
52. coração	Oano	Waně
53. fígado fígado de	Ere -erery	Ėle -ele
54. beber	-oh (tohsé)	-eli (<i>tělihe</i>)
55. comer (comida ideal)	-ontuh (tontuhse)	-ětuk (<i>tětukhe</i>)
56. morder	-osekah (tosekahse)	-ě (<i>těhe</i>)
57. olhar, ver	-ene (tonese)	-ene (<i>těnei</i>)
58. ouvir, entender	-ota (totase)	-panakma (<i>tipanakmai</i>)
59. saber, conhecer	Uaro (tuaro)	Tuwalě
60. dormir	-nyh (tynyhse)	-inik (<i>tinikse</i>)
61. morrer	-orih (torihse)	-lēmēp (<i>tilēmēphe</i>) 'recém morto' -ětalima (<i>tětalimai</i>) 'morto'(família próxima) -lomo (<i>tilomoi</i>) 'enterrado'

62. matar	-uo (tuohse)	-uwë (tuwëi)
63. nadar	Toton-toton tykase	Toton-toton tîkai
64. voar	Poh-poh anko	Pom-pom tîkai
65. andar	Tyhty anko	İtë-titëi, tîhtî tîkai
66. vir	-oeh (toehse)	-umëk (<i>tumëkhe</i>)
67. deitar	imihme (ase) [inmihme] (de costas) deitar alguém: -axika (taxikase) deitar-se: -ataxika (tataxikase)	(deitar no chão, lomona) tuntulam tîkai (deitar na rede) etapna tuntulam tîkai
68. sentar Sentar-se no chão	Kohroh kaksiko [koh'roh] poroh- [<i>toporohse</i>]	Kolo tîkai 'tomar assento'
69. ficar em pé	Sikihme	Pîlî
70. dar	Okarohse	-ekalë (<i>tëkalëi</i>)
71. dizer, contar	-ka (tykase)	-ka (<i>tîkai</i>)
72. sol	Xixi	Sisi
73. lua	Nuno	Nunuwë
74. estrela	Xirikuato	Silikë
75. água	Tuna	Tuna
76. chuva	Konopo	Kopë
77. pedra	Topu	Tëpu
78. areia, praia (genérico) (específico)	sawa isawany	samut{i} ihamut
79. terra	Nono ['nono]	Lo
80. nuvem	Akurunu	Eklot
81. fumaça	Putom me [pu'tome]	Mutom
82. fogo	Apoto	Wapot
83. cinza	Oruno [oru:no]	Ëluwëtpë
84. queimar	-ahka (tyahkase) [tya'ka:se]	-ewa (<i>tëwahe</i>)
85. caminho Caminho de	Osema -esema	Ëhema -ehema
86. montanha, colina	Ypy	İpî
87. vermelho	Toapire	Takpile
88. verde	Kuri-Kuri ety	Kuli-Kuli wet
89. amarelo	Tawamano	Tawaman
90. branco	Karimutume	Tîkoloke

91. preto	Sinikutu mano ['mano]	Taliliman
92. noite	Koko	Koko
93. quente (fogo) calor (atmosférico)	Asituno, Piuka anko	Asiphak, Pikat t̃ikai
94. frio	Konsikene [kɔnsi'kene]	Kēmiiken
95. cheio	Pehme	-uput (<i>tuputse</i>)
96. novo	Kasenato	Ihjan
97. bom	Kure	Ipok
98. circular, redondo	Merehme	Melem
99. seco	Tonore [to'nore]	T̃ilasile
100. nome	Esety	-ehet

Esse quadro e muitos dos exemplos expostos acima evidenciam o parentesco lexical entre o aparai e o wayana. A lista de Swadesh mostra que essas duas línguas compartilham uma parte de seu léxico, este grafado de uma mesma forma (*tuna* 'água', 'rio', *koko* 'noite', *tawaman{o}* 'amarelo') ou de forma ligeiramente diferente (*ypylipi* 'montanha') por deterem letras diferentes para um mesmo fonema. A lista mostra ainda vocábulos diferentes para um mesmo significado (*nono|lo* 'terra', *azamo|ëjam* 'piolho', *kure|ipok* 'bem'). É ainda possível observar processos de redução vocálica (*kana|ka*, *kaa* 'peixe') e de permutação vocálica (*oma-emary|omo-amo* 'mão').

**

Este estudo oferece uma variedade de dados que mostram uma parte de como o universo lexical do aparai e do wayana é constituído. Cada uma dessas línguas dispõe de uma infinidade de vocábulos próprios e compartilham um número importante deles; estes que às vezes apresentam uma mesma realização fonológica, outras pequenas diferenças. Novos vocábulos são constantemente incorporados no campo lexical; este não é fixo, ele não é imutável. Uma grande parte dos termos que designam objetos ocidentais integram o cotidiano desses grupos: ferramentas agrícolas, armas de fogo, redes de pesca, tecidos, roupas, calçados etc. Mesmo já tendo se ajustado morfofonologicamente ao sistema fonológico da língua, muitos dos termos revelam a sua origem e, em alguns casos, por qual meio o termo transitou: por afro-guianeses, por outros grupos indígenas, por eles mesmos. A criação de novas palavras parece ser uma prática recente entre os wayanas que vêem a necessidade de dispôr de termos técnicos não existentes nessas línguas, como 'dicionário', 'computador', 'carregador de bateria', entre outros. Uma vez palavras novas e palavras estrangeiras incorporadas no universo lexical de uma língua, seus usuários lhes dão vida, empregando-as indistintamente, sem nenhuma concorrência com o léxico que pertence à comunidade linguística. Esta as integra em seu campo lexical, que se enriquece quando as novas palavras passam a ser usadas nas mais distintas práticas sócio-culturais.

Referências

- ACT. *Wayana baseline study*. Final Report. 2007. Disponível em <http://www.act-suriname.org/wp-content/uploads/2015/05/Wayana-Baseline-Study_2007.pdf>.
- ALBY, Sophie; Isabelle LEGLISE. Plurilinguisme et éducation en Guyane. Les langues de Guyane. In *Langues et cité*. Bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques, 2017, p. 10-11.
- BRIGHTMAN Marc, Vanessa GROTTI. First Contacts, Slavery and Kinship in orth Eastern Amazonia. In BRIGHMAN, M.; FAUSTO, C.; GROTTI, V. (Eds.). *Ownership and Nature: Studies in Native Amazonian Property Relations*. New York: Berghahn Books, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK436748/>>
- CÁCCAMO, Celso Alvarez. "Osmose" e redes sociais na transmissão da língua: O papel dos locais sociais, 2004. Disponível em <<http://www.udc.es/dep/lx/cac/escritos/20040229-osmose.htm>>
- CAMARGO, Eliane. Identidade étnica, identidade lingüística: o bilingüismo entre os Wayana e os Aparai. In *Multilingüismo em Foco. Estudos da Linguagem: limites e espaços*. Rio de Janeiro, UFRJ. 1997. Mesa-Redonda do VI Congresso da ASSEL-Rio. p. 89-99.
- CAMARGO, Eliane. Aspects de la morphologie nominale aparai: l'appartenance. In *Langues de Guyane*. Amerindia, Paris, AEA, v. 26, p. 109-132, 2001.
- CAMARGO, Eliane. Lexical categories and word formation processes in Wayana (Cariban language), LOIS, X.; VAPNARSKY, V. (Eds.). *Lexical categories and Root Classes in Amerindian Languages*, Peter Lang, 2006. p.147-188.
- CAMARGO, Eliane. Les Wayana. In *Langues de Guyane*. GOURY; LESCURE (Eds.). Coleção Culture en Guyane. Vents d'Ailleurs-IRD éditions. p. 78-89, 2009.
- CAMARGO, Eliane; GRENAND, Pierre. Un peuple Karib: les Wayana, In GRENAND (Dir.). *Encyclopédies palikur, wayana et wayampi*. Fascicule: «Langue, milieu et histoire», CTHS, Paris, p. 60-87, 2009.
- CAMARGO, Eliane; Amparo IBANEZ. *Chercheurs de mots em terres apalai et wayana*. Ed. Migrilude. 2015.
- CAMARGO, Eliane; WAJANA, Asiwa; TORIBIO, Alberto Roque. Documentação de línguas e culturas indígenas. *Revista Moara*. Edição 50, *Estudos Linguísticos*. p. 52-86. 2018, ago-dez. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/6805/5372>
- CAMARGO, Eliane; WAJANA, Asiwa. Estratégias da posse em wayana e seu mosaico morfo(fono) lógico. Perspectiva tipológica. *LIAMES*. Campinas, v. 19, p. 1-33, 2019.
- CAMARGO, Eliane; WAJANA, Asiwa. *Mope et Pitou à la pêche*. Paris: Ipê éditions, 2019.
- CAMARGO, Eliane; TAPINKILI, Anaiman. *Le wayana au coeur des mots. Dictionnaire analogique bilingue wayana-français*. Éditions CTHS-Éditions Ipê, 2020.
- CAMARGO, Eliane; TANDAR, Sara; HOLGUIN, Veronica et alli. L'Amazonie amérindienne dans l'ère du numérique: le portail multilingue WATAU. *Patrimoines du Sud*, 2020. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pds/5127>>.

- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Da língua geral ao português: Para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. 2003. Tese (Doutorado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. Migração, guerra e comércio: Os waiapi na Guiana. *Antropologia*. São Paulo: FFLCH- USP, 1986.
- GOURY, Laurence et al. Des médiateurs bilingues en Guyane française. *Revue française de linguistique appliquée*. v. V, 2000/2, p. 43-60.
- GRENAND Françoise. *Dictionnaire wayãpi-français. Lexique français-wayãpi*. Paris: Peeters/Selaf, 1989.
- GRENAND Pierre et alli. *Parmacopées traditionnelles en Guyane. Créoles, Wayãpi, Palikur*. Paris, IRD, 2004.
- GRENAND, Pierre. Ainsi parlaient nos ancêtres. Essai d'ethnohistoire «wayãpi». *Travaux et documents de l'O.R.S.T.O.M.* n.148. Editions de l'office de la Recherche scientifique et technique outre-mer. Paris: ORSTOM, 1982.
- GRENAND Pierre; Françoise GRENAND. La question amérindienne en Guyane française: Les Wayana. *Ethnies (FRA)*, v. 1, n. 1-2, p. 23-24, 1985.
- HURAUULT, Jean. Les Indiens de Guyane française: problèmes pratiques d'administration et de contacts de civilisation. *New West Indian Guide*. Published by Brill, p. 81-186, 1962-1963. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41849385>>.
- JOLKESKY, Marcelo Pinho De Valhery. *Estudo arqueo-ecolinguístico das terras tropicais sul-americanas*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- KOEHN, Sally Sharp. The use of generic terms in Apalaí genitive construction. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*. Lima: Ponencia al Simposio "Tupi-Guarani/Carib linguistics", 470 CIA, New Orleans, 1991, p. 39-48.
- KOEHN, Edward H.; Sally Sharp KOEHN. *Vocabulário básico Apalaí-Português: Dicionário da língua Apalaí*, Brasília, Sociedade Internacional de Lingüística, 1995. 163 p.
- KOEHN, Edward H.; Sally Sharp KOEHN. Fonologia da língua apalaí. In GUDSCHINSKY, S.C. (Ed.). *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*, t. II, Brasília: Instituto Lingüístico de Verão, 1971, p. 17-28.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo III. Fundações e entradas, séculos XVII-XVIII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Lisboa: Livraria Portugália, 1943.
- MEIRA, Sérgio. A família linguística Caribe (Karíb). *Revista de Estudos e Pesquisas*. FUNAI, Brasília, v. 3, n.1/2, p. 157-174, jul./dez. 2006.
- MORGADO, Paula. *Pluralismo médico Wayanã-Aparai: uma experiência intercultural*. 1994. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. 318. Disponível em <<http://morgadodl1.tempsite.ws/paula/mestrado/index.htm>>.
- RICE, Frederick Joh Duval. Short Aparai vocabulary. In: *Journal de la Société des Américanistes*, t. 23, n. 1, 1931, p. 115-120. Disponível em <<https://doi.org/10.3406/jsa.1931.1086>>.
- SOUTY, François J. L. Aux origines de l'histoire guyanaise (XVIe-XVIIe siècles): El Dorado et la Guyane, mythe et réalité. *Outre-Mers Revue d'histoire* 272, p. 303-334, 1986.

SWADESH, Morris. Lexico-statistic dating of prehistoric ethnic contacts. With special reference to North American Indians and Eskimos. *Proceedings of the American Philosophical Society*. 96. p. 452-463, 1952. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Liste_Swadesh>

VAN VELTHEM, Lucia H. *A pele de Tuluperê*. Uma etnografia dos trançados Wayana. PR/McT/Cnpq. 1998.

Abreviaturas

Ap	aparaí
Wa	wayana
Lit	literal